

Adelino Timóteo: trânsitos biográficos e peculiaridades na construção da narrativa *Mulungu*

Adelino Timóteo: biographical transits and peculiarities in the construction of the *Mulungu* narrative

Amosse Jorge Gelo

Doutorando em Letras: Estudos Literários, na linha de pesquisa Literatura, Crítica e Cultura, do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com bolsa Capes. E-mail: amosse.gelo@estudante.ufjf.br. Orcid: 0000-0003-4868-7609.

Tércia Costa Valverde

Professora Plena Doutora em Teoria da Literatura, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: tecaverde05@outlook.com. Orcid: 0000-0003-3494-7043.

Resumo

Este artigo propõe uma leitura analítica da obra *Mulungu* (2007), do escritor moçambicano Adelino Timóteo, centrando-se nas interseções entre sujeito, escrita e mundo. A pesquisa articula elementos da biografia do autor, baseada, principalmente, nas informações exploradas do debate em que o autor participou sobre o Dia Mundial da Poesia, promovido pelo Camões IP - Centros de Língua Portuguesa da Beira e Quelimane da Universidade Licungo, em Moçambique. A análise da referida obra é centrada na abordagem interpretativa em que exploramos os aspectos estilísticos e linguísticos, destacando o uso de nomes e termos de origem bantu, bem como a incorporação de ritos, mitos, tradições e eventos sobrenaturais, evidenciando uma construção estética que dialoga com as matrizes culturais e espirituais da identidade moçambicana.

Palavras-chave: Literatura Moçambicana. Adelino Timóteo. *Mulungu*.

Abstract

This article proposes an analytical reading of the narrative *Mulungu* (2007), by the Mozambican writer Adelino Timóteo, focusing on the intersections between subject, writing and world. The research articulates elements of the author's biography, based mainly on information explored in the debate in which the author participated on the World Poetry Day promoted by Camões IP - Portuguese Language Centers of Beira and Quelimane of the Licungo University, in Mozambique. The analysis of the referred work is centered on the interpretative approach in which we explore the stylistic and linguistic aspects, highlighting the use of names and terms of Bantu origin, as well as the incorporation of rites, myths, traditions and supernatural events, evidencing an aesthetic construction that dialogues with the cultural and spiritual matrices of the Mozambican identity.

Keywords: Mozambican Literature. Adelino Timóteo. *Mulungu*.

Artigo recebido em 30.04.2025 e aceito em 26.03.2026.

1 Introdução

Nos países colonizados, a literatura teve um papel preponderante no repúdio dos ideais colonialistas, que visavam marginalizar as identidades dos povos locais. A literatura moçambicana se configura como um expansivo mosaico de obras que exploram culturas e identidades, representando a complexidade social e histórica do país. Dos renomados escritores que fazem parte desse quadro, podemos citar: José Craveirinha, Noémia de Sousa, Luís Bernardo Honwana, Mia Couto, Paulina Chiziane, Ungulane Ba Ka Khosa, entre outros.

Em Moçambique, no contexto da luta armada de libertação, entre 1964 e 1974, existiu uma geração de poetas que fizeram parte da “Poesia de Combate”, da qual Craveirinha e Noémia de Sousa participaram, assim como Marcelino dos Santos, Rui Nogar e Orlando Mendes. Esta foi caracterizada como “[...] uma geração homogênea de poesia de teor coletivo, influenciados pelos ideais da Negritude e do sonho comum de uma África descolonizada”¹, visando chamar atenção para a luta pela independência e a opor-se à colonização.

Tendo causado grande impacto, em 1975, Moçambique alcança independência. No entanto, esvaziada a pauta anticolonialista, foram delineados novos temas e novas perspectivas literárias. Nesse contexto, a *Associação dos Escritores Moçambicanos* (1982) e a *Revista Charrua* (1984) foram duas instituições de extrema importância no processo de acolher e alavancar escritores, que pudessem escrever sobre os efeitos do colonialismo e trazer temáticas decoloniais, cujo intuito é resgatar e reconfigurar as identidades dos povos marginalizados. Portanto, foi Eduardo White, um dos escritores dessa geração, que “não só contribuiu com uma nova linguagem e novas formas para a poesia, mas também inspirou uma nova geração de poetas a explorar e expandir os limites da expressão poética em Moçambique”². O referido poeta foi reconhecido por seus textos, que exploravam temáticas sobre o amor e o erotismo.

Sendo a grande inspiração de escritores contemporâneos, é possível admitir que, “[...] na poesia de Timóteo, encontramos a mais clara reverberação do estado anímico erótico-amoroso de Eduardo White: um amor incendiário, mas com janelas para contemplar a paisagem em liberdade”³. Entretanto, por mais

¹ Vanessa Riambau Pinheiro, *Efeito Charrua: a poesia contemporânea em Moçambique ou os herdeiros de Eduardo White*, 2024, p. 25.

² *Ibidem*, p. 27.

³ *Ibidem*, p. 33.

que esses escritores tenham bebido da poesia de White, cada um vai apresentar suas características e singularidades.

Adelino Timóteo, prolífico escritor moçambicano contemporâneo com vasta produção literária, configura-se como uma voz ímpar no panorama literário lusófono, tecendo, em suas obras, um retrato complexo das dinâmicas políticas, sociais, econômicas, históricas e culturais de Moçambique. A riqueza temática e a complexidade de suas abordagens demandam uma análise acadêmica mais aprofundada, tanto no âmbito nacional quanto na diáspora, considerando que a crítica literária do seu extenso trabalho ainda precisa ser ampliada.

Sob essa ótica, a narrativa *Mulungu* emerge como um espaço relevante para a exploração das particularidades estéticas e literárias que configuram a escrita de Timóteo durante o seu processo de produção literária e desta obra específica, cujos aspetos característicos almejamos delinear neste estudo.

2 Adelino Timóteo: sujeito, escrita, mundo

Adelino Timóteo nasceu a 3 de fevereiro de 1970, na cidade da Beira, província de Sofala, em Moçambique. É formado na área de Docência em Língua Portuguesa, mas não exerceu a profissão. Ingressou no Jornalismo, em 1994, na cidade da Beira, no *Diário de Moçambique* e, mais tarde, tornou-se correspondente do semanário *Savana*, na mesma cidade. É também licenciado em Direito, e atualmente exerce a função de delegado do semanário *Canal de Moçambique*, na cidade da Beira. Para além de ser jornalista e escritor, Timóteo é também artista plástico e combina essas artes. Chegou a afirmar, em uma entrevista, que vive delas⁴.

Em 2022, na sua conversa⁵ sobre o Dia Mundial da Poesia, que se celebra em 21 de março, organizada pela Camões IP - Centros de Língua Portuguesa da Beira e Quelimane da Universidade Licungo, em Moçambique, revelou que, na sua infância, tinha o sonho de ser jogador de futebol, no entanto, depois de sofrer fraturas no tornozelo, viu seu sonho destruído. Como já era leitor na altura, passou a dedicar-se a essa prática, quando descobriu que, para além disso, também poderia ser escritor. Em casa, escrevia de maneira discreta, pois tinha

⁴ EPM-CELP, *Adelino Timóteo*, [s.d.]

⁵ Adelino Timóteo, *Conversa sobre o Dia Mundial da Poesia: À conversa com o escritor Adelino Timóteo*, 2022.

receio, achava que era algo muito superior, não queria revelar aos seus irmãos e à mãe que gostava de realizar tal tarefa. Quando ouvia alguém abrir a porta e entrar, escondia os seus papéis. Chegou a considerar essa escrita furtiva e foi assim, durante muitos anos, que o futuro escritor se escondeu.

Adelino Timóteo disse ser uma pessoa com dificuldades de falar em público, por carregar uma vida de solidão e de silêncio. É por essa razão que, quando lê um poema, consegue invadir a realidade ou uma mágoa, considerando os tempos difíceis que viveu, na cidade da Beira. Falou, durante a conversa, que vive em estado de poesia, a sua vida parece ser uma eterna magia; quando acorda, olha para o dia, para o sol e tenta buscar o lado poético da vida e do meio em que vive. Na sua infância, passava horas na biblioteca lendo livros, foi quando descobriu poetas como Alfred de Musset (francês) e Jorge Macedo (angolano) que, mais tarde, seriam alguns dos escritores que influenciariam a sua paixão pela escrita.

Em 1989, quando ainda frequentava a escola, foi falar com o seu professor de língua portuguesa, revelando que queria ser escritor, e este, por sua vez, pôs-se a rir e perguntou “– Tu, escritor?”, alegando que a escrita não era para qualquer um, que não poderia ser um escritor, pois, o bom narrador deveria ser um bom aluno de língua portuguesa. Mesmo sabendo que Adelino Timóteo não era péssimo aluno, o professor achava que ele deveria ser um gênio, espécie de alguém eleito para tal tarefa, talvez eu acrescente, um “Jesus para salvar a humanidade literariamente”.

Diante desse cenário, saiu muito desencantado, todavia acreditou e disse, a si mesmo, que se tornaria futuramente um escritor e continuou a escrever, em silêncio. No ano de 1992, ainda no âmbito dos seus estudos, em uma escola que frequentava no bairro da Ponta Gea, cidade da Beira, saindo do bairro Macurungo, encontrou uma professora de língua portuguesa e literatura chamada Alice Machado, que, em um período de dois meses, leu os seus primeiros poemas. Em um certo dia, na sala de aula, pediu que conversassem no final das lições. Achando conveniente ir conversar com tranquilidade, a professora levou o jovem escritor até a sua casa, onde falaram sobre os poemas e as suas impressões, e foi, nesse dia, que Adelino Timóteo soube que era um poeta. O então escritor revelou que esses poemas deram vida a sua primeira obra intitulada *Os segredos da arte de amar*, publicada em 1999.

Por mais que tivesse dado os primeiros passos na escrita desde muito cedo, na sua infância, o seu primeiro livro, *Os segredos da arte de amar*, foi publicado em 1999. Dois anos depois, veio a obra *Viagem à Grécia através da Ilha de Moçambique* (2002). Em 2006, publicou *A fronteira do sublime*; posteriormente, *Mulungu* (2007); *A virgem da Babilónia* (2009); *Nação pária* (2010); *Na aldeia dos crocodilos* (2011); *Dos frutos do amor e desamores até à partida* (2011); *Não chora Carmen; Nós, os de Macurungo* (2013); *Apocalipse dos predadores* (2014); *Corpo de Cleópatra* (2016); *Os oito maridos de Dona Luíza Michaela da Cruz* (2017); *Os últimos dias de Uria Simango* (2018); *Afonso Dhlakama – a longa luta em defesa da democracia* (2018); *Cemitério dos pássaros* (2019); *O feiticeiro branco* (2020). *O voo das fagulhas* (2021); *A luz diáfana do amor* (2021); *A biblioteca debaixo da cidade* (2022)⁶.

Adelino Timóteo ganhou os seguintes prémios: 1999 – Prémio anual do Sindicato Nacional do Jornalismo, pela melhor Crónica Jornalística; 2001 – Prémio Nacional Revelação de Poesia AEMO (*Associação dos Escritores Moçambicanos*); 2011 – Prémio BCI/AEMO 2011 pela obra *Dos frutos do amor e desamores até à partida*; 2013 – Melhor Escritor da Cidade da Beira, Moçambique; 2015 – “Excelente e inquestionável qualidade de sua obra”, distinção pelo Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora (CEMD), Lisboa, Portugal. O livro *Na aldeia dos crocodilos* foi adaptado para bailado, pelo Grupo Cultural Casa dos Sonhos, da Beira. A sua poesia consta em antologias publicadas em Moçambique, no estrangeiro, tendo já realizado várias exposições individuais, em Moçambique e uma na Áustria⁷.

Em 1986, Adelino Timóteo começa a escrever poesia, no período em que houve uma grande explosão na literatura moçambicana, em que uma série de escritores começam a publicar com mais visibilidade. Revelou, na sua conversa alusiva ao Dia Mundial da Poesia, que, nessa época, escrevia-se a poesia de contestação, momento da revolução socializante, e via-se com dificuldades de se encaixar no contexto da época, pois não era político e não se identificava com uma vertente narrativa militante.

A sua escrita era voltada à poesia intimista, em que explorava temáticas relacionadas ao amor. Teve de ler muitos livros para compreender a estrutura da linguagem poética, metodologias literárias, para conseguir diferenciar um género do outro. Serviram de iluminação para iniciar a sua poesia lírica escritores como:

⁶ EPM-CELP, Adelino Timóteo, [s.d.]

⁷ *Ibidem*.

Federico García Lorca (poeta e dramaturgo espanhol), quando ficou maravilhado com o poema *Verde que te quiero verde* (1979), que trouxe primeiras vibrações da sua lírica; Mutimati Barnabé João (poeta nascido em Viseu, Portugal, mas reconhecido como de Moçambique), heterônimo de António Quadros. Adelino Timóteo leu bastante a sua obra *Eu, o Povo* (1975), poemas da revolução.

Apreciou bastante a literatura de outros países, porque, na altura, em Moçambique, 1986, os poemas estudados nas escolas eram de Pablo Neruda (poeta chileno), com o qual era impressionado, encantado, sentia-se dialogando com o autor, quando leu *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada* (1924). Leu também Nicolás Guillén (poeta cubano); José Gomes Ferreira e Eugénio de Andrade (poetas portugueses). Dos escritores moçambicanos que inspiraram Adelino Timóteo, destacam-se João Fonseca Amaral e Rui Knopfli (por ele considerado o expoente máximo da universalidade da poesia moçambicana).

Entre os anos 1980 e 1990 não se publicavam livros em massa, no entanto, Timóteo começou a publicar, em quase todas as semanas, contos e poemas, no jornal *Diário de Moçambique*, em uma página chamada Diálogo e, também, na *Revista Tempo*, na página Gazeta de Artes e Letras. Começou a ter reconhecimento por parte dos leitores que o incentivaram a publicar em livro. Em 1996, o ator moçambicano Filimone Meigos, que interpretou o personagem Joseldo Bastante, no filme *Terra sonâmbula*, baseado na obra homônima do renomado escritor moçambicano Mia Couto, reuniu-se com escritores na *Casa de Cultura*, e pediu-lhes que entregassem os seus originais. Foi quando Adelino Timóteo aproveitou para entregar os poemas que havia apresentado à sua professora, levados à capital moçambicana Maputo, para a futura publicação em livro.

Em 1998, escreveu um ensaio ao poeta Eugénio de Andrade, publicou no jornal *Diário de Moçambique*, depois escreveu uma carta dirigida ao *Jornal JL de Portugal*, em reconhecimento da sua poesia. Em resposta, recebeu o livro *Antologia breve* (1983) autografado pelo próprio autor, publicado pela Fundação Eugénio de Andrade; ficou muito impressionado e mencionou que as grandes coisas da vida não são materiais, mas as que mexem com o nosso estado emocional, a alma, a poesia. Para Adelino Timóteo, a verdadeira arte poética é aquela que nos impulsiona e nos faz vibrar.

Em 2002, o escritor publica a obra *Viagem à Grécia através da Ilha de Moçambique*, um livro de poemas que teve grande reconhecimento nacional. No entanto, quatro anos depois sem publicar, lançou o livro *A fronteira do sublime* (2006), que acabou não tendo grande repercussão como o anterior, provocando, assim, um certo estado de crise identitária para Adelino Timóteo, pois o fez pensar em estratégias de como se superar, no próximo trabalho.

O livro mais difícil de escrever, para o escritor, foi *Dos frutos do amor e desamores até à partida* (2011), por conta dos oito anos que levou para a sua produção. Quando o enviou a Fernando Couto, da editora *Ndjira*, o editor não achou um equilíbrio poético que pretendia e que não superavam os poemas do livro *Viagem à Grécia através da Ilha de Moçambique*, o que o orientou a reescrevê-lo, passando por mais um dilema de ter um título sem os textos. Motivado pelas fotografias do fotógrafo alemão Hans Silvester, que registrava os seus trabalhos nas regiões da África, explorando naturezas, culturas, tradições e costumes, Adelino Timóteo reescreve, em um período de aproximadamente oito meses, a sua obra de poema que, dessa vez, viu ser aprovada pelo editor, que acabou ganhando um reconhecimento nacional, após a sua publicação.

Adelino Timóteo considera o livro *Nação pária* (2010) como o que provocou certo mal-estar entre os leitores, uma vez que traz o seguinte questionamento: “pode um país desaparecer?”. Por essa razão, o escritor moçambicano Ungulane Ba Ka Khosa, que fez a apresentação do livro, sentiu-se desafiado a fazê-la. O escritor revelou que é o livro que mais recomenda para entender as situações políticas e econômicas que o país atravessa, nos últimos anos. Relembrou a guerra dos 16 anos que fez o país desaparecer, que reacendeu em 1992 com o acordo da paz. Foi *Dos frutos do amor e desamores até à partida* (2011), sobre o qual falou que, em certo momento, sentiu o desamor pela pátria, o que o levou a sair um pouco dela, não fisicamente, mas na sua imaginação.

Adelino Timóteo tem grande paixão em explorar a Zambézia, por ser a parte mais antiga de Moçambique. Fruto desse trabalho é a trilogia sobre o Zambeze, que inclui as obras: *Os oito maridos de dona Luiza Michaela da Cruz* (2017), *Cemitério dos pássaros* (2019) e *O feiticeiro branco* (2020).

Em 2020, no lançamento desse último livro que compõe a trilogia, o escritor revelou ao jornal *O País* que

à medida que vamos para esse Moçambique, ficamos fascinados pelo universo fantástico e surrealista. Ficamos impressionados e é uma bênção entrar naquela atmosfera, com grandes donas e senhores. Escrevi a ver

essas pessoas e tive desejos de ter vivido naquele tempo. A forma que encontrei de viver o tempo foi escrevendo os livros⁸.

Ainda assim, o escritor encerra a trilogia sobre aquele lugar mítico, afirmando: “acho que agora tenho de encarar outros desafios. Sinto que, depois de três livros, já não tenho mais nada a dizer”⁹.

Por fim, questionado sobre a sua preferida produção, o autor respondeu citando um provérbio em Sena, língua falada na zona central do país, com mais destaque na cidade da Beira, que diz: “um polígamo gosta sempre da última mulher”. Nesse contexto, a última publicação sempre é a sua mais preferida.

3 As nuances estilísticas e linguísticas na construção da obra *Mulungu*

A história ficcional de Timóteo se passa em um muralhado governado por um Deus negro, que habitava entre humanos. Ao vivenciar as experiências no muralhado onde Mulungu reinava, o narrador personagem depara-se com a forma como o Deus deles governava naquelas terras, caracterizado como um Deus “invejoso e ciumento”¹⁰, aquele que, sem piedade, executava quem ousasse colocar os olhos em alguma mulher que ele desejava.

Nesse contexto, o muralhado adquire uma complexidade simbólica que reflete as ambiguidades do processo histórico moçambicano pós-independência. À primeira vista, o muralhado pode sugerir uma metáfora de proteção, um território cercado onde o povo estaria, supostamente, seguro sob a égide de uma autoridade soberana. No entanto, uma análise crítica revela que esse espaço é, sobretudo, uma estrutura de aprisionamento, um dispositivo de controle e subjugação.

O Deus de Timóteo é, simultaneamente, aquele que aprisiona e que está aprisionado, enredado na própria lógica perversa do poder que o molda. Sua corporeidade e seus vícios expõem a degradação ética da liderança, evidenciando uma ruptura com a esperança revolucionária que acompanhou as lutas de libertação. Por isso, podemos compreender esse Deus como um *alter ego* das elites africanas contemporâneas: uma representação crítica das fraturas internas

⁸ José dos Remédios, “Cada vez que escrevo um livro, sinto que estou a fechar uma etapa”, Adelino Timóteo, 2020.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ Adelino Timóteo, *Mulungu*, 2007, p. 9.

da identidade nacional e da falência de projetos políticos que não conseguiram realizar a emancipação prometida. A literatura, nesse contexto, torna-se um espaço privilegiado de reconfiguração da memória coletiva, um gesto de denúncia e, ao mesmo tempo, de reconstrução das possibilidades futuras de Moçambique.

No entanto, diante dessas e demais características opostas do Deus habitualmente conhecido – o imposto pelo ocidental –, tentou, então, convencer o povoado a rever as formas de governação de Mulungu e a pensar na possibilidade de abandonarem aquele Deus: “[...] uma vez, aos cidadãos do Muralhado, tentei demovê-los dos preconceitos que os punham cegamente à glorificar”¹¹. Para a sua surpresa, respondera o povo daquele muralhado:

[...] «O governante desta emersa Terra, que não sabemos onde termina é Mulungu. Assim será por todo o sempre, por ciclos e gerações sucessivas. Não aceitamos que nos imponham a cultura e o Deus deles: Nós temos o nosso Deus chamado Mulungu. Ponto final»¹².

Esse era o Deus daqueles homens, que o adoravam e prestavam as suas vênias. Mulungu era o Rei dos reis. Na língua Sena, falada no centro de Moçambique, nas províncias de Sofala e Manica, significa “chuva ou Deus”, enquanto em Changana, falado na região sul do país, quer dizer “branco”. Na escrita de Adelino Timóteo, ao se referir à grande divindade, ele sempre usa a letra inicial maiúscula, tanto nos substantivos como nos pronomes, conforme se observa nas transcrições “Rei dos reis”, “Ele”, “Deus”, “dEle”, entre outras. Em contrapartida, os deuses e reis inferiores são designados com a inicial minúscula. Essa estética de escrita do autor subscreve a grandeza e o poder do Rei do muralhado.

Uma das práticas que o autor vai abordar, na narrativa, é a poligamia e o incesto. Certa vez, Mulungu traíra Zumbia, sua primeira esposa com Mazeza, sua própria filha, que, quando quis questionar, o Deus ordenara ao filho Foquisse a execução da própria mãe, que se encontrava grávida, a quem considerava indigna de ter um filho. Diante da situação, o filho, soldado do pai, ajudou a mãe a fugir em segredo para Xitubo, onde viera a dar à luz Mundau, que viria, mais tarde, a se envolver com Mazeza, então esposa do Rei, seu pai. Para desviar as atenções de Mulungu, Zumbia inventou que aquele rapaz fora gerado de uma vaca e, dessa forma, o Rei não ficou a saber da sua existência. Foi quando, então, Mundau decidiu retornar ao muralhado.

¹¹ *Ibidem*, p. 10.

¹² *Ibidem*, p. 8.

Mazeza, inconformada com a falta de amor, as ausências de Mulungu para satisfazê-la como esposa e um casamento fracassado, passa por uma vida depressiva, sempre com semblante de tristeza, sofrendo duras críticas por parte de moradoras do muralhado, por ter se envolvido com o seu pai e marido da mãe. Tentou trair Mulungu com Mundau, o seu próprio irmão, filho que o Rei não sabia da existência, porém, fracassou, pois o ato fora inibido pelo *licaho* lançado pelo Deus, uma espécie de cinto de castidade que, nas margens do Zambeze, adormece os instintos dos adúlteros¹³.

Um dos aspetos marcantes na escrita de Adelino Timóteo são os elementos tradicionais moçambicanos, especificamente, os rituais de iniciação, de invocação de espíritos e da religião africana, sobretudo, elementos da natureza, amuletos que possuem valor sagrado e sobrenatural. Em suas obras, não faltam essas manifestações, prova disso, em *Mulungu*, fica sugerido que

[...] a criação de uma obra de arte é sempre uma viagem do autor para dentro de si. ... viagem para as próprias raízes culturais, particularmente quando a história se baseia num ambiente cultural específico, como é o caso deste livro¹⁴.

Na escrita de Adelino Timóteo, encontramos também a incorporação de nomes e termos de origem bantu, como forma de identidade. Na narrativa, constatamos palavras como: *m'bambas*¹⁵ – cerimónia tradicional para buscar proteção e conselhos dos espíritos contra o espírito mau; *nhondoro*¹⁶ – advinho (a); *n'kasi-n'kuru*¹⁷ – mulher mais velha entre as rainhas, a idade não condizia com esse título, não é critério para a atribuição; *danda*¹⁸ – trapo tradicionalmente utilizado para proteger a zona sexual da mulher; *matige*¹⁹ – nome dado aos grandes lábios vaginais após o rito de iniciação; *niabhezi*²⁰ – advinhos.

Vale ressaltar que “a tradição não só se manifesta nos rituais, crenças ou símbolos, como também pode ser observada na linguagem”²¹. Há, em acréscimo, o uso de nomes tradicionais, como: *Nhatwa*, *Mazeza*, *Mulungu*, *Chanaze*, *Zumbia*, *Mudacusi*, *Mulandeza*, ao longo da obra. Perceba-se que “[...] é comum, no território da tradição africana, a atribuição de nomes aos filhos segundo

¹³ *Ibidem*, p. 15.

¹⁴ *Ibidem*, p. 5.

¹⁵ *Ibidem*, p. 10.

¹⁶ *Ibidem*, p. 10.

¹⁷ *Ibidem*, p. 11.

¹⁸ *Ibidem*, p. 13.

¹⁹ *Ibidem*, p. 14.

²⁰ *Ibidem*, p. 15.

²¹ Juma Manuel e David Matandire, *Espiritualidade e Quotidianidade Ritualística em Mulungu*, de Adelino Timóteo, 2022, p. 247.

situações, ou mesmo em homenagem a um ente querido”²². O nome Nhatwa, que na língua Sena, falada no centro de Moçambique, significa “sofrimento”, é geralmente atribuído a uma criança, quando a mãe sofre bastante durante a gestação ou quando há complicações durante o parto.

A questão do uso de nomes originários dos povos marginalizados (indígenas ou escravizados), na poética de Timóteo, também se encontra patente na narrativa *Apocalipse dos predadores* (2014), em que Diogo Neto, um português de ascendência retorna à antiga colônia onde nasceu para atuar como cooperativista. O cidadão português tem a responsabilidade de utilizar o Dicionário de Nomes Indígenas. Isso ocorre porque, após a emancipação da antiga colônia, o poder em ascensão alerta os cidadãos sobre a importância de adotar nomes indígenas. A utilização de nomes indígenas oferece a oportunidade de ascender rapidamente à burguesia emergente, uma vez que, na pátria em formação, ocorre o processo de estabelecimento do novo-rico. É característico em muitas obras de Adelino Timóteo o uso de nomes de origem bantu ou indígena²³.

Na época colonial, em Moçambique, os povos nativos eram obrigados a adotarem a cultura do colonizador, desde a forma de vestir, falar, agir e pensar. Para o efeito, existiram muitos decretos estabelecidos pelos portugueses, em que havia estatuto de colonizador, assimilado e indígenas. Um desses decretos preconizava “[...] o registo de muitos nomes de nativos moçambicanos de forma aportuguesada”²⁴. Destacamos que o continente africano é diversificado cultural e linguisticamente. O mesmo acontece nas literaturas africanas, em que os escritores procuram explorar as marcas estéticas particulares e as suas singularidades:

Cada literatura nacional africana tem as suas características próprias e desenvolve-se segundo moldes estéticos e linguísticos, cuja distintividade resulta não só das diferenças culturais étnicas de base, mas também das diferenças linguístico-culturais que a colonização lhes acrescentou. É praticamente insustentável qualquer generalização que conduza a elaborações teóricas que não levem em conta as especificidades regionais e nacionais africanas²⁵.

Com base nos pressupostos apresentados, Adelino Timóteo, assim como outros escritores africanos, buscam evidenciar, nas suas obras, marcas particulares das identidades de um determinado povo, pois “[...] os nomes criados

²² *Ibidem*, p. 247.

²³ Chiado Books (Editor), *Apocalipse dos Predadores de Adelino Timóteo*: Sinopse, 2014.

²⁴ Sara Jona Laisse, *Identidades e fragmentação*: histórias de uma história n’Apocalipse dos predadores, 2018, p. 265.

²⁵ Ana Mafalda Leite, *Oralidades e Escritas pós-coloniais*: estudos sobre literaturas africanas, 2012, p. 29.

pelo autor desta obra remetem o leitor ao seu lado antropológico, porque, em princípio, devem estar ligados à cultura e à origem do seu titular”²⁶. Em Moçambique, sobrenomes como Matsinhe e Mondlane são originários da região sul do país, ao passo que Muchanga e Simango pertencem ao grupo étnico Ndaou, da região central do país, especificamente na província de Sofala.

Esse recurso remete-nos à sabedoria ancestral e se torna um instrumento de ressignificação dos ideais impostos pelo colonizador. Mas, por outro lado, em Moçambique, existem muitos nomes de origem portuguesa como: Marques, Lourenço, Teixeira, Carvalho, entre outros. Os povos nativos têm perdido a prática de atribuir nomes de origem bantu.

A narrativa em análise apresenta uma sequência de acontecimentos inexplicáveis e insólitos, característicos na escrita de Timóteo, na qual uma árvore dá à luz um rebento humano: “Como seria possível? A Baobá engravidara-se ou se deixara engravidar? Isto ultrapassava as previsões de qualquer ciência”²⁷; mortes provocadas por feitiços: “[...] Mandonando, que conheceu uma morte misteriosa numa noite em que voltava da pesca” [...]”²⁸; e, até mesmo, como vimos, uma ocasião em que um homem ficou “grávido”: “concluía Juliasse: Não pode ser outra coisa. Tenho a certeza que estás grávido!”²⁹; além do Deus continuar enfrentando as suas enfermidades: “[...] os ossos d’Ele andavam desarticulados e, ao mesmo tempo, desconstruídos com a hipófise [...]”³⁰.

No final da narrativa, Mulungu desapareceu subitamente e, no lugar onde se encontrava, surgiu Nhatwa, que trazia alguns segredos dados pelo Deus a serem decifrados por Chanaze e anunciados aos moradores do muralhado.

Dessa forma, fica evidente que

Mulungu investiga as possibilidades de transformação: do velho Rei que procura rejuvenescer através do incesto com a filha, da oprimida filha que encontra a sua liberdade do pai-marido através dum novo amor, das lágrimas humanas que se transformam em inundações, do embondeiro que dá à luz um filho humano, da tirania para uma ordem social justa³¹.

Se nos questionarmos sobre o universo da presente obra, observamos que Adelino Timóteo explora o seu mundo artístico abordando questões do insólito

²⁶ Sara Jona Laisse, *Identidades e fragmentação: estórias de uma história n’Apocalipse dos predadores*, 2018, p. 269.

²⁷ Adelino Timóteo, *Mulungu*, 2007, p. 47.

²⁸ *Ibidem*, p. 44.

²⁹ *Ibidem*, p. 58.

³⁰ *Ibidem*, p. 55.

³¹ *Ibidem*, p. 5.

ficcional, do fantástico, do realismo mágico e animista³², em uma linguagem metafórica única, confirmando o seu comprometimento em abordar assuntos sociais específicos das comunidades moçambicanas, buscando resgatar e reescrever as tradições locais, sem abandonar as simbologias próprias do universo da arte.

Assim, “por meio da escrita, Adelino Timóteo procura legitimar o imaginário cultural moçambicano, expondo aspectos peculiares desse universo cultural, como são os casos da crença nos costumes, tradição e ritos”³³.

4 Considerações finais

Dentro do cenário do nosso estudo, Adelino Timóteo, através de sua obra *Mulungu*, se destaca não apenas por narrar as experiências de seus personagens em contextos específicos e particulares, mas também por atuar como um reflexo da identidade moçambicana, na coletividade. Em suas obras, Timóteo nos remete ao realismo mágico, ao lugar que ultrapassa o âmbito do *cogito*, para mover o imaginário pela linha do fabulário telúrico e das tradições locais. Dessa maneira, ao folharmos as suas páginas, somos convidados a mergulhar nas raízes culturais, nas tradições e nos desafios sociais enfrentados pelos povos moçambicanos e na construção das suas histórias, em meio às formas de colonização e opressão, mergulhado em uma luta pela liberdade e busca por autonomia³⁴.

A referida narrativa, em análise, ostenta-se como um espaço de resiliência e reafirmação cultural, onde elementos do cotidiano moçambicano se entrelaçam com mitos, lendas e a riqueza da oralidade, que permeiam a vida dos seus

³² Vale ressaltar que “o insólito ficcional, enquanto categoria narrativa, manifesta-se no momento em que a causalidade lógica do mundo empírico é rompida por um elemento que não se explica pelas leis da natureza” (Furtado, 1980, p. 18), ou seja, é uma categoria que engloba as narrativas que fogem das leis naturais, como acontece em *Mulungu* quando constatamos o evento em que um homem fica *grávido*. Diante desses eventos sobrenaturais, conforme explica Todorov (2012), o ser que conhece as tais leis naturais experimenta um estado de hesitação. É essa dúvida que configura o fantástico. Por outro lado, temos o extraordinário fazendo parte da história, isto é, o sobrenatural passa a ser aceito pelos personagens sem espanto por fazer parte da textura do seu mundo, o que difere do realismo animista que “envolve uma ‘espiritualização da matéria’, na qual o mundo dos objetos e a natureza são dotados de alma e agência, integrando o sagrado ao cotidiano sem a necessidade de uma ruptura fantástica” (Garuba, 2012, p. 242). O animismo, frequentemente, se fundamenta em cosmovisões específicas como as africanas ou indígenas, como é o caso do espelho que a Chanaze usa para enxergar a Mazeza quando caminhava na cidade dos fantasmas, que é dotado de vida e energias.

³³ Juma Manuel e David Matandire, *Espiritualidade e Quotidianidade Ritualística em Mulungu, de Adelino Timóteo*, 2022, p. 236.

³⁴ Dionísio Bahule, *O fragmento da margem no fim do império em Na aldeia dos crocodilos*, de Adelino Timóteo, 2021.

habitantes. Algumas obras de Adelino Timóteo – *Mulungu* – não se afastam dessa afirmação, a vida dos seus personagens, para além de fragmentada, na maior parte das vezes, se encontra envolta por peripécias, que distorcem a dita ordem natural das coisas.

Referências

BAHULE, Dionísio. O fragmento da margem no fim do império em Na aldeia dos crocodilos, de Adelino Timóteo. *Feira Literária Brasil - África de Vitória-ES*, v. 1 n. 4, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufes.br/flibav/article/view/36605/23951>. Acesso em: 12 dez. 2024.

CHIADO BOOKS (Editor). *Apocalipse dos predadores de Adelino Timóteo*: Sinopse. Chiado Editoras, julho de 2014. Disponível em:

<https://www.wook.pt/livro/apocalipse-dos-predadores-adelino-timoteo/15869674>. Acesso em: 21 jan. 2025.

CONVERSA SOBRE Dia Mundial da Poesia: À conversa com o escritor Adelino Timóteo, 2022. 1 vídeo (1h41min44). Publicado pelo canal Myclassroomtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w78Q_RTduP8 Acesso em: 21 nov. 2024. EPM-CELP (Centro de Ensino e Língua Portuguesa). *Adelino Timóteo*. Disponível em:

<https://www.epmcelp.edu.mz/index.php/producoes/publicacoes/adelino-tim%C3%B3teo>. Acesso em: 23 jan. 2025.

FURTADO, Filipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Livraria Horizonte, 1980.

GARUBA, Harry. *Explorações no realismo animista*: notas sobre a leitura e a escrita da literatura, cultura e sociedade africana. Tradução de Elisângela da Silva Tarouco. *Nonada: Letras em Revista*, Porto Alegre, v. 2, n. 19, p. 235-256, 2012.

LAISSE, Sara Jona. Identidades e fragmentação: estórias de uma história n'Apocalipse dos predadores. *Letrônica: Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/32333/17406>. Acesso em: 10 set. 2024.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e escritas pós-coloniais*: estudos sobre literaturas africanas. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

MANUEL, Juma; MATANDIRE, David José Sebastião. Espiritualidade e Quotidianidade Ritualística em Mulungu, de Adelino Timóteo. In: SENHORAS,

Elói Martins (org.). *Lusofonia & Africanidade*. Boa Vista: Editora IOLE, 2022. p. 235-253.

PINHEIRO, Vanessa Riambau. Efeito Charrua: A poesia contemporânea em Moçambique ou os herdeiros de Eduardo White. *Mulemba*, v. 16, n. 31, 2024.

Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/65425/42501>. Acesso em: 18 set. 2024.

REMÉDIOS, José dos. “Cada vez que escrevo um livro, sinto que estou a fechar uma etapa”, Adelino Timóteo. *O País* (online), Maputo, 13 nov. 2020.

Disponível em: <https://opais.co.mz/cada-vez-que-escrevo-um-livro-sinto-que-estou-a-fechar-uma-etapa-adelino-timoteo/> Acesso em: 14 nov. 2024.

TIMÓTEO, Adelino. *Mulungu*. Maputo: Editora Texto Editores, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maira Clara Correa Castello. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.